



Secretaria de Estado da Saúde – SESAU
Secretaria Executiva de Vigilância em Saúde – SEVISA
Superintendência de Vigilância e Controle de Doenças – SUVCD
Gerência de Vigilância e Controle de Doenças Transmissíveis – GVCDT
Assessoria Técnica de Vetores, Zoonoses e Fatores Ambientais – ATVZFA

Nota Informativa SEVISA nº 01/2026

12 de janeiro de 2026

Assunto: Orientações aos Municípios para vigilância entomológica de febre maculosa e outras riquetsioses

Objetiva-se com esta nota orientar os municípios quanto às medidas de vigilância, estabelecendo o fluxo para coleta, acondicionamento, transporte e encaminhamento de amostras ao Laboratório Central de Saúde Pública de Alagoas (LACEN/AL), com vistas à confirmação diagnóstica e ao adequado encaminhamento de amostras entomológicas, subsidiando identificação, a análise de risco e as ações de prevenção, controle e resposta frente à doença no estado.

CONTEXTUALIZAÇÃO

A Febre Maculosa é uma doença infecciosa febril aguda, de notificação compulsória imediata, causada por bactérias do gênero *Rickettsia* e transmitida, principalmente, por carrapatos do gênero *Amblyomma*. Trata-se de uma doença de gravidade variável, que pode cursar com formas leves e atípicas até formas graves, com potencial de evolução rápida para formas clínicas severas e risco elevado de óbito quando o diagnóstico e o tratamento não são realizados precocemente.

Embora os registros históricos predominem em regiões endêmicas do Sudeste brasileiro, a identificação de vetores e reservatórios em estados do Nordeste, como Alagoas, revela uma expansão geográfica do risco. A presença de carrapatos e animais hospedeiros, aliados ao fluxo populacional e às mudanças ambientais, reforça a necessidade de vigilância ativa em territórios potencialmente vulneráveis.

CLASSIFICAÇÃO DO MUNICÍPIO SOB VIGILÂNCIA

Conforme diretrizes nacionais, os municípios são classificados como sob vigilância para Febre Maculosa quando apresentam ocorrência de casos humanos confirmados, associados à presença de vetores competentes e/ou de reservatórios naturais, como canídeos e equídeos. No estado de Alagoas, até o momento, apenas o município de Maragogi atende a



Secretaria de Estado da Saúde – SESAU
Secretaria Executiva de Vigilância em Saúde – SEVISA
Superintendência de Vigilância e Controle de Doenças – SUVCD
Gerência de Vigilância e Controle de Doenças Transmissíveis – GVCDT
Assessoria Técnica de Vetores, Zoonoses e Fatores Ambientais – ATVZFA

esse critério, com dois casos confirmados da doença em 2022. Essa ocorrência confere ao município a classificação de área sob vigilância para Febre Maculosa. Essa informação está representada no **Mapa 01**. O município mencionado é o único do estado de Alagoas com registro confirmado da doença, mas **não há informações suficientes para descartar a circulação do patógeno em outros municípios**. Portanto, recomenda-se a investigação de casos suspeitos conforme os critérios estabelecidos no Guia de Vigilância Epidemiológica, volume 3. Esse guia orienta a abordagem para o manejo de casos e pode ser acessado através do link: [Guia de Vigilância Epidemiológica – Volume 3](#).

Mapa 01. Casos confirmados segundo ano de início de sintomas, no ano de 2022, Alagoas.



Fonte: SINAN/TABWIN/SESAU, dados tabulados em Maio de 2025 e sujeitos a alterações.

AÇÕES RECOMENDADAS AOS MUNICÍPIOS

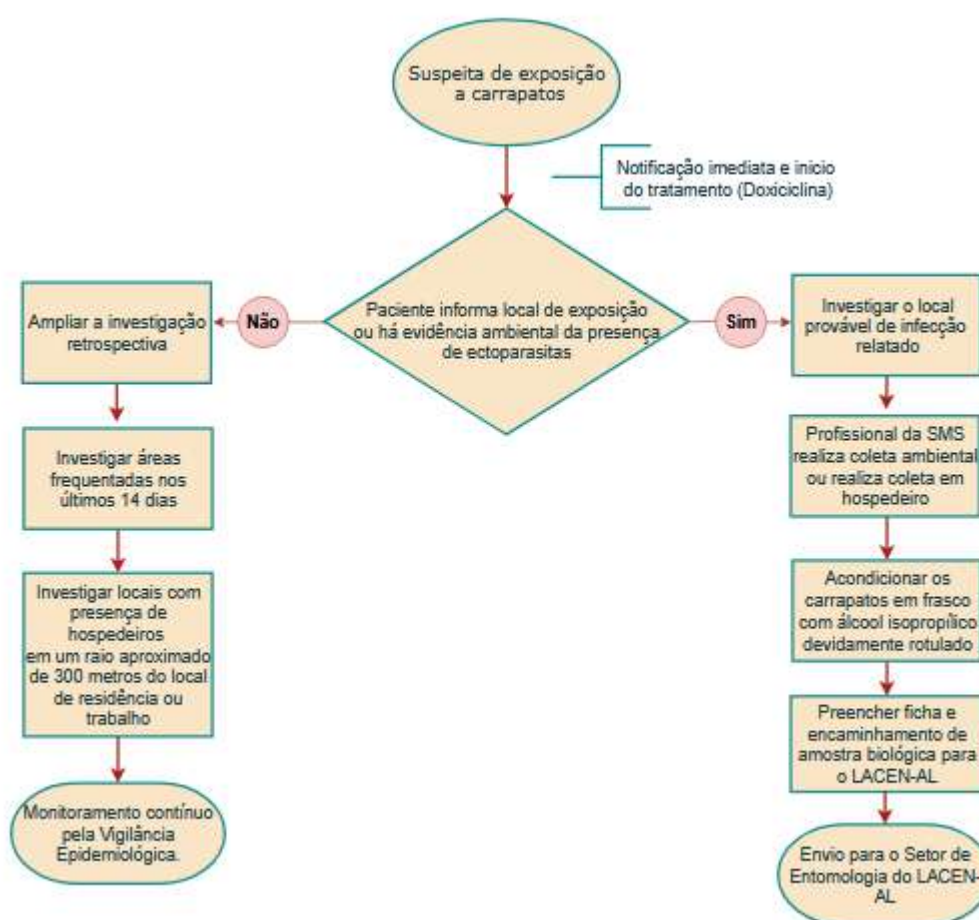
Para a vigilância entomológica, recomenda-se que a coleta de carrapatos seja realizada por profissionais capacitados. Os ectoparasitas devem ser acondicionados em frascos plásticos com tampa rosqueável, contendo álcool isopropílico, e rotulados com as seguintes informações: local, data, hospedeiro e responsável pela coleta. Anteriormente a realização da coleta, o Laboratório Central de Saúde Pública de Alagoas (LACEN/AL), deve ser informado para que as medidas necessárias ao recebimento, análise e quando



Secretaria de Estado da Saúde – SESAU
Secretaria Executiva de Vigilância em Saúde – SEVISA
Superintendência de Vigilância e Controle de Doenças – SUVCD
Gerência de Vigilância e Controle de Doenças Transmissíveis – GVCDT
Assessoria Técnica de Vetores, Zoonoses e Fatores Ambientais – ATVZFA

necessário, o envio para o Laboratório de Referência Nacional sejam tomadas. O envio ao LACEN/AL deve ser acompanhado da Ficha de Encaminhamento de Amostra Biológica (modelo padronizado). Os frascos devem ser destinados ao setor de entomologia, aos cuidados da Vigilância Epidemiológica Estadual (**Figura 1 e Anexo 1**).

Figura 01. Fluxo para Encaminhamento de exemplares de carrapatos.



Fonte: Elaboração própria. SESAU/SEVISA/SUVCD/GVCDT/ATVZFA/AT Zoonoses

No âmbito das ações de vigilância para febre maculosa, os municípios que apresentarem casos confirmados da doença devem manter o monitoramento ambiental pelo período mínimo de cinco anos após o último registro. Essa medida visa à identificação de áreas de risco, à caracterização de possíveis ciclos de transmissão e à adoção de



Secretaria de Estado da Saúde – SESAU
Secretaria Executiva de Vigilância em Saúde – SEVISA
Superintendência de Vigilância e Controle de Doenças – SUVCD
Gerência de Vigilância e Controle de Doenças Transmissíveis – GVCDT
Assessoria Técnica de Vetores, Zoonoses e Fatores Ambientais – ATVZFA

estratégias oportunas de prevenção e controle.

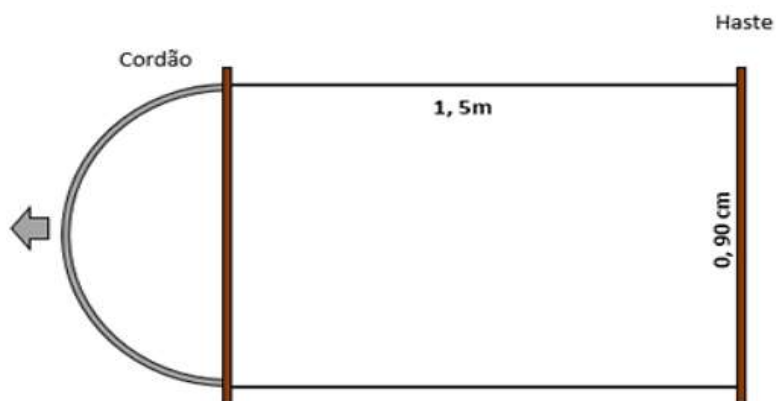
Durante esse período de vigilância, recomenda-se que cada município sob monitoramento realize o envio de amostras ao Laboratório Central de Saúde Pública de Alagoas (LACEN/AL) pelo menos uma vez ao ano. Essa periodicidade mínima permite a manutenção de um sistema de detecção da circulação de riquetsias, além de auxiliar na análise da persistência ou dispersão dos vetores em áreas previamente afetadas.

As atividades de campo para coleta de potenciais vetores devem seguir métodos validados e adaptados à realidade local. As técnicas recomendadas incluem:

- **Catação direta** de ectoparasitas em hospedeiros, realizada com o uso de pinças;
- **Técnica de arrasto**, que utiliza pano branco sobre a vegetação para captura ativa de carrapatos;
- **Armadilhas atrativas com gelo seco (CO₂)**, especialmente eficaz em áreas de vegetação densa.

A técnica de arrasto é amplamente utilizada para captura de carrapatos em áreas abertas. Consiste no uso de um pano branco de algodão (1,5 m x 0,90 m), preso a hastes nas extremidades, sendo puxado sobre a vegetação por meio de um cordão. A cada 10 metros, deve-se inspecionar o pano e coletar os carrapatos aderidos. A distância percorrida, o número de repetições e a escolha dos pontos de coleta devem ser definidos conforme os objetivos e características da área investigada (**Figura 02 e 03**).

Figura 02. Modelo de armadilha para a técnica de arrasto.



Fonte: NOTA TÉCNICA Nº 113/2022-CGZV/DEIDT/SVS/MS.



Secretaria de Estado da Saúde – SESAU
Secretaria Executiva de Vigilância em Saúde – SEVISA
Superintendência de Vigilância e Controle de Doenças – SUVCD
Gerência de Vigilância e Controle de Doenças Transmissíveis – GVCDT
Assessoria Técnica de Vetores, Zoonoses e Fatores Ambientais – ATVZFA

Figura 03. Coleta de carrapatos com uso da técnica de arrasto.



Fonte: NOTA TÉCNICA Nº 113/2022-CGZV/DEIDT/SVS/MS.

O uso de armadilhas com dióxido de carbono (CO_2), utilizando gelo seco, é uma técnica eficaz para atrair carrapatos, simulando a respiração de hospedeiros. Aproximadamente 500g de gelo seco são colocados sobre um pano branco (1m^2) no solo, com ação estimada de até uma hora, variando conforme as condições ambientais. Os carrapatos devem ser removidos antes desse tempo. Recomenda-se realizar a coleta no período da manhã, quando os vetores estão mais ativos (**Figura 04**).

Figura 04. Coleta de carrapatos com uso de atração por CO_2 .



Fonte: NOTA TÉCNICA Nº 113/2022-CGZV/DEIDT/SVS/MS.



Secretaria de Estado da Saúde – SESAU
Secretaria Executiva de Vigilância em Saúde – SEVISA
Superintendência de Vigilância e Controle de Doenças – SUVCD
Gerência de Vigilância e Controle de Doenças Transmissíveis – GVCDT
Assessoria Técnica de Vetores, Zoonoses e Fatores Ambientais – ATVZFA

Essas metodologias devem ser aplicadas com base em planejamento prévio, considerando a área investigada, o período de maior atividade dos vetores e a logística local. É fundamental garantir o correto acondicionamento dos espécimes coletados, que devem ser preservados em álcool isopropílico e devidamente identificados, conforme os procedimentos estabelecidos.

A execução das atividades de campo requer a utilização obrigatória de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), com o objetivo de proteger os profissionais envolvidos e evitar a dispersão inadvertida de vetores. Durante as atividades de campo, é importante que os profissionais realizem inspeções regulares no próprio corpo para identificar e remover carrapatos, preferencialmente com pinça ou, em caso de grande infestação, com fita adesiva (**Figura 05 e Tabela 01**). Ao término da coleta, os EPIs e equipamentos devem ser cuidadosamente vistoriados ainda em campo e, sempre que possível acondicionado em sacos plásticos transparentes e lacrado, a fim de evitar a translocação de vetores para outras áreas. Os EPIs mínimos recomendados incluem:

- Macacão de cor clara, com punhos e tornozelos fechados, sem bolsos ou presilhas;
- Capuz ou touca;
- Luvas, botas e meias claras;
- Óculos de proteção;
- Fita adesiva de dupla face para vedação entre o macacão e as botas.

Figura 05. Carrapatos aderidos ao EPI da equipe de campo.



Fonte: NOTA TÉCNICA Nº 113/2022-CGZV/DEIDT/SVS/MS.



Secretaria de Estado da Saúde – SESAU
Secretaria Executiva de Vigilância em Saúde – SEVISA
Superintendência de Vigilância e Controle de Doenças – SUVCD
Gerência de Vigilância e Controle de Doenças Transmissíveis – GVCDT
Assessoria Técnica de Vetores, Zoonoses e Fatores Ambientais – ATZFA

Tabela 01. Checklist do material para coleta em campo.

Item	Material de Campo
1	Caixa de isopor para acondicionamento do gelo seco (CO ₂)
2	Equipamentos de proteção individual (Macacão, botas, óculos, luvas)
3	Ficha de coleta em campo (Anexo 1)
4	Fita adesiva larga
5	Gelo seco
6	Lápis ou caneta permanente
7	Líquido conservante (álcool isopropílico)
8	Panos de algodão (aprox. 1,0m x 1,0m) para técnica com CO ₂
9	Panos de algodão (aprox. 1,5m x 0,90m) para técnica de arrasto
10	Pinças metálicas
11	Saco de lixo
12	Tubos de acondicionamento (ependorf ou falcon)

Fonte: NOTA TÉCNICA Nº 113/2022-CGZV/DEIDT/SVS/MS.

Os carrapatos presentes em hospedeiros devem ser removidos cuidadosamente com o uso de pinça, aplicando torções leves seguidas de tração, de modo a garantir a retirada completa do vetor, preservando sua estrutura para identificação taxonômica e evitando reações adversas no animal. É contraindicado o uso de métodos que perfurem, comprimam ou esmaguem o carrapato, devido ao risco de liberação de patógenos e comprometimento da amostra (**Figura 06**).

Figura 06. Técnica para retirada de carrapatos do hospedeiro.



Fonte: NOTA TÉCNICA Nº 113/2022-CGZV/DEIDT/SVS/MS.

Além das ações de vigilância ambiental e laboratorial, é fundamental que os municípios desenvolvam estratégias contínuas de educação em saúde, voltadas tanto à população quanto aos profissionais da rede assistencial. A informação qualificada é uma ferramenta indispensável na prevenção da febre maculosa, especialmente em áreas com presença de



Secretaria de Estado da Saúde – SESAU
Secretaria Executiva de Vigilância em Saúde – SEVISA
Superintendência de Vigilância e Controle de Doenças – SUVCD
Gerência de Vigilância e Controle de Doenças Transmissíveis – GVCDT
Assessoria Técnica de Vetores, Zoonoses e Fatores Ambientais – ATVZFA

carrapatos vetores. Ações educativas devem incluir orientações sobre práticas seguras em ambientes naturais, como o uso de vestimentas adequadas, o hábito de realizar inspeção do corpo após atividades em áreas de risco, bem como o conhecimento dos locais onde há maior circulação do vetor.

Para os profissionais de saúde, a capacitação permanente contribui para o aumento da sensibilidade na identificação de casos suspeitos e garante maior agilidade na adoção de condutas clínicas e epidemiológicas oportunas. A promoção do conhecimento fortalece o vínculo entre a vigilância e a comunidade, amplia a percepção de risco e favorecem a notificação precoce, o diagnóstico oportuno e o início imediato do tratamento, fatores determinantes para a redução da letalidade da doença no estado.

A vigilância entomológica da febre maculosa representa uma ferramenta estratégica para a detecção de áreas de risco e para a adoção de medidas preventivas oportunas no estado de Alagoas. A execução regular das coletas, aliada ao uso de técnicas adequadas e à promoção de ações educativas, contribui diretamente para o fortalecimento da vigilância, a sensibilização da rede local e a redução do impacto da doença na população. A Vigilância Epidemiológica Estadual segue disponível para orientação e suporte aos municípios em todas as etapas do processo.

Para saber mais sobre a Febre Maculosa, consulte o [Guia de Vigilância em Saúde. ; NOTA TÉCNICA Nº8/2024-CGZV/DEDT/SVSA/MS](#) e [NOTA TÉCNICA 113/2022-CGZV/DEIDT/SVS/MS](#) [NOTA TÉCNICA Nº 127/2023-CGZV/DEDT/SVSA/MS.](#)

Para informações adicionais, favor contatar:

Gerência de Vigilância e Controle de Doenças Transmissíveis (GVCDT)
E-mail: gvcdt.sesau.al@gmail.com

Assessoria Técnica em Vetores Zoonoses e Fatores Ambientais – (ATVZFA)
E-mail: avetsesau.al@gmail.com

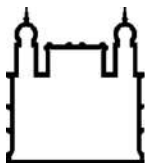
Área Técnica de Vigilância e Controle das Zoonoses
E-mail: atzoonosesal@gmail.com

Gerência do Laboratório Central de Saúde Pública (LACEN).
E-mail: lacen.al.gerencia@gmail.com ou lacen.biomedica@saude.al.gov.br



Secretaria de Estado da Saúde – SESAU
 Secretaria Executiva de Vigilância em Saúde – SEVISA
 Superintendência de Vigilância e Controle de Doenças – SUVCD
 Gerência de Vigilância e Controle de Doenças Transmissíveis – GVCDT
 Assessoria Técnica de Vetores, Zoonoses e Fatores Ambientais – ATVZFA

ANEXO 1



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Instituto Oswaldo Cruz



Lab. Referência Nacional em Vetores das Riquetsioses

Av. Brasil, 4365 Manguinhos Rio de Janeiro Brasil. CEP: 21040-360

Tel. (021) 2562-1340 / 2562-1448 / 2562-1313 E-mail: gsgazeta@ioc.fiocruz.br

Nº da Amostra

FICHA DE ENCAMINHAMENTO DE VETORES DE RIQUÉTSIAS

() Carrapato () Pulga () Piolho

I – OBJETIVO DA COLETA

- () Investigação de foco (Registro SINAN): (.....)
 () Vigilância
 () Biocarrapaticidograma

II – PROCEDÊNCIA

Município: _____
 Localidade: _____
 Endereço: _____
 Georreferenciamento: _____

III – QUANTO A COLETA

Data: ____/____/____ Horário: ____:____
 Coletado em:
 () residência () curral () pasto () mata () animal. Qual?: _____
 (.....) Outro – Qual? _____
 Humano – provável local de infecção: _____
 Coletor (nome): _____
 Identificação do hospedeiro (nome, registro, descrição): _____

IV – QUANTO AOS EXEMPLARES:

Número de exemplares recebidos: _____
 Número de exemplares encaminhados: _____
 Estado de conservação:
 () álcool isopropílico () outros _____
 Observações: _____

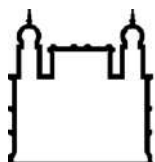
V – ENCAMINHAMENTO À FIOCRUZ (RESERVADO AO /LACEN / SES)

Encaminhado em: ____/____/____ Por: _____

Recebido na FIOCRUZ em: ____/____/____ Por: _____



Secretaria de Estado da Saúde – SESAU
Secretaria Executiva de Vigilância em Saúde – SEVISA
Superintendência de Vigilância e Controle de Doenças – SUVCD
Gerência de Vigilância e Controle de Doenças Transmissíveis – GVCDT
Assessoria Técnica de Vetores, Zoonoses e Fatores Ambientais – ATVZFA



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

Instituto Oswaldo Cruz



Lab. Referência Nacional em Vetores das Riquetsioses

Av. Brasil, 4365 Manguinhos Rio de Janeiro Brasil. CEP: 21040-360

Tel. (021) 2562-1340 / 2562-1448 / 2562-1313 E-mail: gsgazeta@ioc.fiocruz.br

Alguns cuidados necessários para o transporte de CARRAPATOS, PULGAS e PIOLHOS

Coleta de carrapatos:

Os carrapatos podem ser coletados em fase parasitária, sobre os animais (fixados à pele de seus hospedeiros) ou em fase de vida livre (no ambiente).

Os carrapatos do ambiente podem ser coletados ativamente, pela sua busca na vegetação e no corpo dos coletores, ou passivamente, através de técnicas apropriadas como o arrasto ou armadilhas atrativas, como CO₂.

Os carrapatos fixados aos animais são coletados simplesmente retirando-os da pele do hospedeiro, através de torções leves, seguidas de movimentos de tração, com a utilização de pinça, permitindo que os carrapatos sejam retirados inteiros. É contra indicado a retirada utilizando-se calor (fósforos, por exemplo), bem como métodos que possam perfurá-los, comprimi-los ou esmagá-los evitando-se a eliminação de secreções e excreções que possam conter patógenos. Todos os carrapatos coletados de um mesmo animal devem ser armazenados num mesmo frasco. Carrapatos coletados de diferentes animais nunca devem ser misturados em um mesmo frasco. Os frascos contendo carrapatos devem ser acondicionados e identificados.

Coleta de pulgas e piolhos:

Pulgas e piolhos podem ser coletadas em fase parasitária, sobre os animais (pele), ou, em alguns casos, em fase de vida livre (no ambiente).

No ambiente podem ser coletados colocando-se uma cuba com água e detergente ou vaselina líquida e uma fonte de luz acesa (a luz serve para atrair as pulgas), utilizando-se aspiração mecânica ou armadilhas químicas.

Nos animais são coletadas pela catação direta, sobre a pele do hospedeiro ou escovação. É contra indicado a retirada com métodos que possam perfurar, comprimir ou esmagar, evitando-se a eliminação de secreções e excreções que possam conter patógenos. Todas as amostras coletadas de um mesmo animal devem ser armazenadas num mesmo frasco. Amostras coletadas de diferentes animais nunca devem ser misturadas em um mesmo frasco. Os frascos contendo as amostras devem ser identificados.

Devemos observar que a coleta de carrapatos, pulgas e piolhos são atividades de risco para o coletor, que se expõe ao vetor. Portanto, recomenda-se a utilização de EPI: macacão, preferencialmente de cor clara, fechado, com manga comprida e punho fechado; botas de cano alto, preferencialmente de cor clara; e meias compridas por cima do macacão. A cada período de meia hora toda a roupa deve ser examinada para a presença de vetor.

Acondicionamento e Preservação:

Amostras coletadas no campo deverão ser acondicionados em frascos plásticos hermeticamente fechados, transparentes e deverão ser encaminhados preservados em **álcool isopropílico**.

Os frascos devem ser acondicionados em sacos plásticos.

Identifique o frasco com o nome do hospedeiro, data, local e coletor.

A ficha de encaminhamento deverá acompanhar as amostras de artrópodes, acondicionada em saco plástico separado.

Obs.: As etiquetas devem ser escritas a lápis.